

Clipping da Infância e Juventude do TJPE – 15/03/2016

- [Corregedoria regulamenta registro de criança gerada por reprodução assistida](#)
- [Campanha para ajudar o pequeno Matias a andar](#)
- [Adolescente de 16 anos decapita mãe no interior de SP](#)
- [Sete em cada 10 crianças com microcefalia podem ter problemas de audição](#)
- [Irmãs de Timbaúba estão desaparecidas](#)
- [Em seu 6º ano, guerra na Síria pode deixar 'geração perdida', alerta UNICEF](#)

Assunto: Corregedoria regulamenta registro de criança gerada por reprodução assistida

Fonte: CNJ

Data: 15/03/2016



A partir desta terça-feira (15/3) está mais simples registrar crianças geradas por técnicas de reprodução assistida, como a fertilização in vitro e a gestação por substituição, mais conhecida como “barriga de aluguel”. A Corregedoria Nacional de Justiça publicou o Provimento 52, de 14 de março de 2016, que regulamenta a emissão de certidão de nascimento dos filhos cujos pais optaram para essa modalidade de reprodução.

Até então, esse registro só era feito por meio de decisão judicial, já que não havia regras específicas para esses tipos de casos. “A medida dá proteção legal a uma parcela da população que não tinha assegurado o direito mais básico de um cidadão, que é a certidão de nascimento”, afirmou a corregedora nacional de Justiça, ministra Nancy Andrighi.

Se os pais, heteroafetivos ou homoafetivos, forem casados ou conviverem em união estável, apenas um deles poderá comparecer ao cartório para fazer o registro. Na certidão dos filhos de homoafetivos, o documento deverá ser adequado para que seus nomes constem sem distinção quanto à ascendência paterna ou materna.

Nome no registro - Outra novidade é que nos casos de gestação por substituição não mais constará do registro o nome da gestante informado na Declaração de Nascido Vivo (DNV). Além disso, o conhecimento da ascendência biológica não importará no reconhecimento de vínculo de parentesco entre o doador ou doadora e a pessoa gerada por meio de reprodução assistida.

A ministra Nancy Andrighi também determinou que os oficiais registradores estão proibidos de se recusar a registrar as crianças geradas por reprodução assistida, sejam filhos de heterossexuais ou de homoafetivos. Se houver recusa do cartório, os oficiais poderão responder processo disciplinar perante à Corregedoria dos Tribunais de Justiça nos estados.

Assunto: Campanha para ajudar o pequeno Matias a andar

Fonte: Jornal do Comércio de PE

Data: 15/03/2016

jornal do  commercio

O menino recifense não anda e não fala. Pais querem arrecadar dinheiro para sessões de fisioterapia no Chile



Paula e Marcelo, pais de Matias, lançaram a campanha, pela terceira vez, Inclusão é Atitude

Matias, 6 anos, gosta de andar de skate e de surfar com o pai, o jornalista Marcelo Cartaxo, 41. Também se diverte quando a mãe, a arquiteta Paula Laranjeira, 40, o leva para brincar no Parque da Jaqueira, na Zona Norte do Recife, ou para tomar banho de piscina. Andar no triciclo é outra alegria para o garoto, que devido a uma paralisia cerebral não anda e não fala. Mas estimulado por sessões de fisioterapia realizadas no Recife, em São Paulo e no Chile, ele aos poucos vai dando pequenos passos. E se depender dos pais, o menino vai longe. Para custear o tratamento, Marcelo e Paula lançaram, pelo terceiro ano, a campanha Inclusão é Atitude.

Camisas com o desenho do personagem Mat Mat (inspirado em Matias) surfando estão sendo vendidas por R\$ 30. Estrelas do surf mundial, os brasileiros Gabriel Medina (campeão mundial de 2014), Filipe Toledo e Caio Ibeli (integrantes da Liga Mundial de Surf), além de Fábio Gouveia (campeão mundial amador), foram convidados para participar. No vídeo de lançamento da campanha, eles estimulam as pessoas a se integrarem nessa corrente do bem. O maratonista Vanderlei Cordeiro, medalha de bronze nas Olimpíadas de Atenas (aquele que foi agarrado por um fanático quando liderava a prova), é outro que instiga a adesão à campanha.

Assunto: Adolescente de 16 anos decapita mãe no interior de SP
Fonte: Jornal do Comércio de PE
Data: 15/03/2016



A dona de casa, de 46 anos, vinha tentando recuperar o filho desde que este começou a usar entorpecentes.

Um jovem de 16 anos decapitou a mãe com um facão de 50 centímetros de lâmina, no bairro do Caxambu, em Jundiaí (SP), após um acesso de fúria provocado pelo uso de drogas. O crime aconteceu nesta segunda-feira, 14, e foi descoberto por um primo da vítima, ao ir à residência dela, à noite. Ele chamou a Polícia Militar, que realizou buscas e encontrou o autor em um ponto de tráfico, no Jardim Carlos Gomes.

A dona de casa, de 46 anos, vinha tentando recuperar o filho desde que este começou a usar entorpecentes. Há cerca de um mês, o jovem desapareceu, e a mãe fez apelo no Facebook para que todos a ajudassem a encontrá-lo. A foto dele foi compartilhada por cerca de mil pessoas.

Ela chegou a ir ao Instituto Médico Legal (IML) para verificar corpos de desconhecidos, para ter certeza de que o filho não estava morto. "Estou desesperada atrás dele", comentou na época.

No último domingo, 13, a família se reuniu em um almoço com vários parentes para convencer o jovem a ir para uma clínica de recuperação. De acordo com informações da Polícia Militar, após o almoço de domingo os parentes falaram que o jovem estava muito "carinhoso com a mãe".

Ao ser apreendido por soldados do 49º Batalhão de Jundiaí, o adolescente confessou ter decapitado a mãe após consumir crack no período da manhã, e depois saiu de casa e seguiu para o ponto de drogas. O jovem foi levado ao Plantão da Polícia Civil. A delegada Sandra Maria Leardine determinou o recolhimento do rapaz para o Centro de Triagem, para aguardar decisão da Justiça.

Em 2016, no Jardim Novo Horizonte, também em Jundiaí, houve outro caso de repercussão, de uma mãe que decapitou a filha de 1 ano e o filho de 5. Ela alegou depressão, e a Justiça determinou tratamento psicológico.

Assunto: Sete em cada 10 crianças com microcefalia podem ter problemas de audição

Fonte: Diário de PE

Data: 15/03/2016

DIÁRIO de PERNAMBUCO



Projeto da Fundação Altino Ventura usa instrumentos para Estimular pacientes

Os olhos de Davi, cinco meses, estão focados na direção de onde vem um barulho desconhecido. “É de água! É do mar!”, balbuciam as vozes de algumas pessoas na sala, enquanto o bebê de cinco meses segue prestando atenção ao objeto. De repente, o aparelho sonoro é deslocado. A criança acompanha. A mãe Milena Carneiro, 28 anos, e outras se surpreendem, sorriem e continuam a tentar descobrir do que é exatamente aquele som.

Estão todas na sala de musicoterapia do Centro Especializado em Reabilitação da Fundação Altino Ventura (FAV). A terapia com música é uma das estratégias de estimulação precoce que estão sendo aplicadas junto aos bebês com microcefalia em Pernambuco.

Estudo recente realizado com 35 crianças, coordenado pela Sociedade Brasileira de Genética e publicado pelo Centro de Controle de Doenças dos Estados Unidos (CDC), mostrou que a microcefalia é severa em 71% dos casos. Isso implica dizer que as crianças podem ter complicações oculares, convulsões, danos musculares e também problemas de audição. Pesquisas são conduzidas em todo o país, a partir de testes de orelhinha, para verificar o grau de comprometimento auditivo dessas crianças. Já há registros, por exemplo, de surdez associadas aos quadros investigados.

A musicoterapia é desenvolvida há um mês no Recife. Uma vez por semana, mães e crianças participam de uma sessão. A atividade tem como objetivos auxiliar na identificação de intercorrências auditivas e iniciar a estimulação daqueles bebês nos quais o problema já foi identificado em exames prévios.

“Ainda que a criança tenha alguma deficiência, é possível fazer o trabalho, pois som é movimento. Melhora a linguagem, ajuda na compreensão da palavra que, a princípio, são sons. No futuro, ela irá aprender com a repetição das músicas. Isso trabalha o aparelho neurológico, o cognitivo e a memória”, explicou a psicóloga e musicoterapeuta da FAV Eliane Teles.

A sonoridade é o que existe de mais seguro ao nascer, já que é o primeiro contato com o

mundo exterior ao corpo materno. “O primeiro sentido é o auditivo. Há um contato com os batimentos cardíacos da mãe, com o fluxo sanguíneo, o som das vísceras”, acrescenta Eliane Teles. É nesta explicação onde reside o motivo para o som prender a atenção e também tranquilizar os bebês, outro objetivo da musicoterapia aplicada aos meninos e meninas com a malformação.

A princípio, o grupo trabalha com instrumentos que reproduzem sons isolados. “Meu filho fez teste de orelhinha, mas falhou. Os médicos dizem que pode ter alguma perda de audição ou inflamação. Então acho importante estimular. É bom ver aquele sonzinho chamando a atenção dele”, explicou Milena, que só descobriu a microcefalia do filho dois meses depois do parto. “No hospital não me disseram nada. Em uma consulta depois, o médico chegou a mencionar. Mas só quando eu vi na TV, peguei os documentos, encontrei a medida do perímetro cefálico, é que associei uma coisa à outra”, lembra a atendente.

Dever de casa

Além de participar da atividade na fundação, as mães são orientadas a dar continuidade ao tratamento em casa. Para trabalhar a audição, elas aprendem a inserir sementes em garrafas pet para balançar perto das crianças. Também recebem dicas de aplicativos de celular que reproduzem sons de água, animais, objetos.

A música é também uma forma de auxiliar de padeiro Jaqueline Souza, 25, acalmar o pequeno Daniel, de 4 meses. A mãe descobriu a microcefalia ainda na fase intraútero. Um novo baque para quem engravidou um mês após concluir o tratamento de quimioterapia contra um câncer. A audição do pequeno falha do lado direito, atestaram os exames. “Bato palmas, ele se assuta. Estou conversando, ele presta atenção. Coloco música de ninar, ele dorme e tudo com a musiquinha”, diz, satisfeita, Jaqueline.

Assunto: Irmãs de Timbaúba estão desaparecidas

Fonte: Diário de PE

Data: 15/03/2016

DIÁRIO de PERNAMBUCO

A última vez em que as duas foram vistas foi na tarde de sábado.

As irmãs Viviane Maria da Silva, 17, e Rosineide Maria da Silva, 16, de Timbaúba, na Zona da Mata, estão desaparecidas desde sábado (12). De acordo com familiares, as duas haviam dito à família que iriam visitar um irmão em Carpina, na Zona da Mata Norte. Porém, as adolescentes foram ouvidas por uma tia conversando no telefone com uma pessoa desconhecida.

Quando questionadas sobre a conversa, as irmãs despistaram, sem dar informações. A mãe das jovens também contou que Viviane e Rosineide teriam pedido autorização para procurar emprego, pelo qual receberam uma resposta negativa.

A última vez em que as irmãs foram vistas foi na tarde do sábado, entrando em um carro branco. A família das

jovens está com medo de que as meninas tenham sido aliciadas para algum tipo de emprego ilegal. O irmão das meninas disse que, há algum tempo, as adolescentes conversavam com uma outra garota da Paraíba. Ele acredita que a nova amizade das irmãs tenha alguma coisa a ver com o desaparecimento das jovens.



Assunto: Em seu 6º ano, guerra na Síria pode deixar ‘geração perdida’, alerta UNICEF

Fonte: ONU

Data: 15/03/2016



A menos que as necessidades e direitos de mais de 8 milhões de crianças sírias sejam atendidos, uma geração inteira será perdida, junto a décadas de desenvolvimento, disse a agência da ONU em novo relatório, que pede à comunidade internacional proteger os mais jovens em meio à crise. Segundo o UNICEF, cerca de 8,4 milhões de crianças – mais de 80% da população infantil – estão sendo afetadas pelo conflito, seja dentro da Síria ou como refugiadas em países próximos.



Em Aleppo, na Síria, Esraa, de quatro anos, e seu irmão Waleed, de três, sentam-se no chão perto de um abrigo para deslocados internos

A menos que as necessidades e direitos de mais de 8 milhões de crianças sírias sejam atendidos, uma geração inteira será perdida, junto a décadas de desenvolvimento, disse o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) em novo relatório que pede à comunidade internacional proteger os mais jovens em meio à crise.

crianças – mais de 80% da população infantil do país – estão sendo afetadas pelo conflito, seja dentro da Síria ou como refugiadas em países próximos.

De acordo com o relatório, “No Place for Children” (*Sem lugar para crianças*), cerca de 8,4 milhões de

“O que podemos dizer para as crianças sírias? Que não nos importamos se elas se tornarem uma geração perdida por conta das perdas em aprendizado e saúde que irão afetá-las nos próximos anos?”, questionou o diretor-executivo do UNICEF, Anthony Lake, nas primeiras páginas do relatório.

“Não podemos devolver os preciosos anos da infância roubados por essa guerra brutal, mas podemos e devemos evitar que o futuro também seja roubado”, acrescentou. “O futuro dessas crianças é o futuro da Síria.”

Lançado no quinto aniversário do início do conflito na Síria, o relatório afirmou que cerca de 3,7 milhões de crianças do país têm 5 anos ou mais. O conflito que já é o “mais mortífero e complexo” de nossos tempos também é a única forma de vida que essas crianças conhecem. Segundo o diretor regional do UNICEF para Oriente Médio e Norte da África, Peter Salama, a guerra é parte da vida cotidiana das crianças sírias, das quais 7 milhões vivem na pobreza.

“A violência se tornou lugar comum, atingindo casas, escolas, hospitais, clínicas, parques, playgrounds e locais de oração”, disse Salama. Como resultado, há poucos lugares seguros para as crianças, o que levou o UNICEF a dizer no relatório que “mais do que nunca, trata-se de uma crise da infância”.

O UNICEF verificou aproximadamente 1,5 mil violações contra crianças em 2015. Mais de 60% dessas violações foram casos de mortes e mutilações como resultado de armas explosivas usadas em áreas populosas, frequentemente quando estavam saindo ou chegando à escola.

Como resultado da infância interrompida, muitas crianças são forçadas a se tornar mantenedores de suas famílias ou a pegar em armas. “Enquanto a guerra continua, as crianças estão lutando uma guerra de adultos, estão saindo da escola e muitas são forçadas a trabalhar, enquanto as meninas estão casando cedo”, disse Salama.

A média de idade de recrutamento também caiu. Segundo o UNICEF, antes de 2014, a maior parte das forças armadas e grupos recrutavam meninos entre 15 e 17 anos, e para papéis de apoio. Agora, crianças mais jovens estão se unindo às frentes de batalha, inclusive como atiradores, enquanto outras ficam em postos de checagem, carregam armas ou mesmo tratam e retiram feridos.

Como resultado, as taxas de escolaridade, mesmo em casos onde há escolas disponíveis, atingiu seu piso, de acordo com o UNICEF. A agência estima que mais de 2,1 milhões de crianças na Síria, e 700 mil em países vizinhos, estão fora da escola.

Recomendações

Investir na aprendizagem é uma das cinco recomendações do UNICEF no relatório. Além disso, busca 1,4 bilhão de dólares este ano para ajudar cerca de 4 milhões de crianças e jovens na Síria e em países vizinhos a acessar educação formal e informal.

A agência também pediu o fim das violações aos direitos das crianças, e respeito aos deveres aplicados pela lei humanitária internacional e de direitos humanos, como o fim imediato dos ataques a unidades educacionais, de saúde e de água, e o combate à violência sexual e ao recrutamento de crianças.

Além disso, o UNICEF pediu que todas as partes no conflito permitam acesso irrestrito a áreas de difícil alcance, que reestabeçam a dignidade das crianças sírias e protejam seus interesses; e chamou doadores a contribuir para uma captação de 1,1 bilhão de dólares para continuar fornecendo assistência a crianças na Síria e em países vizinhos.